

PSICODINÂMICA DO TRABALHO

Selma Lancman

Juliana de Oliveira Barros

Seiji Uchida

Laerte Idal Sznelwar

A Psicodinâmica do Trabalho (PDT) é uma disciplina teórico-clínica originada na Psicopatologia do Trabalho¹. Christophe Dejours, psiquiatra e psicanalista francês, seu principal expoente, iniciou sua obra neste campo na década de 1980².

A construção de seu escopo teórico se inspira nos seguintes conceitos: o de sujeito advindo da antropologia psicanalítica; o de trabalho, adotado pela ergonomia franco-belga; e o das racionalidades da ação e do reconhecimento enquanto aspectos das formações sociais, debate realizado com autores da escola de Frankfurt, entre eles, Habermas e Honnet. Destaca-se ainda, o debate com autores como Etienne de la Boétie (servidão voluntária), Maine de Biran (filosofia dos princípios) e Michel Henry.

A PDT busca compreender as relações entre organização do trabalho e saúde mental. Visa dar visibilidade e refletir sobre o *trabalhar* enquanto ação indissociável que ocorre no encontro entre sujeito e o real apresentado pelas situações de trabalho.

O real é compreendido como aquilo que resiste à vontade, à maestria dos sujeitos, algo imprevisível, inesperado, que, frequentemente nos coloca diante de sentimentos de impotência, raiva, decepção. É desse confronto com o real, que emerge o sofrimento, vivenciado no plano dos afetos.

O conceito de organização do trabalho é designado a partir de dois eixos: 1) divisão técnica do trabalho: o que se faz, quem faz e como faz; 2) divisão social e hierárquica do trabalho: distribuição de poder, o papel de cada um na organização, o conjunto de normas que rege coletivamente o trabalho e suas avaliações, de forma a responder aos objetivos da produção.

¹ Para mais detalhes consultar o verbete “Psicopatologia do Trabalho”.

² “*Travail usure mentale: essai de psychopathologie du travail*”. Em português a obra foi publicada com o título: “A loucura do trabalho – Estudo de Psicopatologia do Trabalho”. São Paulo: Cortez; 1987.

Certas organizações do trabalho possibilitam a transformação do sofrimento em prazer. O desafio é compreender em quais condições esta transformação é possível. A existência de processos de reconhecimento com relação à utilidade - feito pelos distintos níveis hierárquicos; e à beleza daquilo que se faz – emitido pelos colegas capazes de avaliar se o trabalho corresponde às regras e exigências da profissão - são fundamentais para que se trilhe caminhos em direção à realização de si, ao fortalecimento da identidade e da subjetividade, desencadeando um processo de construção da saúde e da emancipação, tanto para os sujeitos, como para os coletivos. A possibilidade de refletir sobre o *trabalhar* a partir da construção de espaços de deliberação sobre as regras do trabalho no interior das instituições é vital nesse processo.

A existência de estratégias psíquicas coletivas e individuais de defesa é outra constatação fundamental da PDT. Num contexto onde pouco se pode fazer para transformar os impasses da organização do trabalho, as defesas permitem um aparente equilíbrio e o não aparecimento de patologias.

Essa aparente normalidade configura-se como um enigma para a PDT. Trata-se, no entanto de uma normalidade sofrente, diante do precário equilíbrio entre as forças desestabilizadoras externas e o esforço que os trabalhadores individual e coletivamente fazem para se manterem produtivos e ativos.

Para a PDT, o trabalho é um elemento central para o desenvolvimento da saúde e da identidade dos adultos: trata-se do principal elo entre estes, a sociedade e a cultura. Influenciada pela Ergonomia da Atividade, a PDT corrobora que as prescrições jamais respondem aos desafios que os sujeitos se deparam no confronto com o real do trabalho. O trabalho acontece justamente no hiato entre essas prescrições e a necessidade de que os resultados previstos sejam alcançados. Para tanto, os trabalhadores engajam seu corpo e sua inteligência. Sendo assim, todo trabalho constitui-se na criação de algo inédito, pois três aspectos jamais poderão ser prescritos: a engenhosidade daquele que trabalha, a coordenação e a cooperação e a mobilização subjetiva, necessária ao engajamento nas ações.

Seu aporte teórico considera a subjetividade (racionalidade pathica), nas diversas análises que desenvolve. É a escuta dela que permite que se compreenda o sentido do trabalho para o sujeito da ação. Para além da produção, o trabalho deve ser considerado também à luz de valores, de questões ético-morais.

O trabalho de produção, o trabalho ordinário (*poièses*), exige o emprego de habilidades, da inteligência, de astúcia, de criatividade, ou seja, uma implicação de toda a subjetividade acarretando também, uma transformação psíquica. Trata-se, portanto, de um trabalho também de desenvolvimento de si, ou seja, da subjetividade sob ela mesma decorrente de produções de duas naturezas distintas: a dos sujeitos sobre eles mesmos – produção psíquica, subjetiva; e a dos sujeitos no mundo – contribuição para o desenvolvimento social, econômico e cultural.

Do ponto de vista metodológico, a ação em PDT está voltada sobretudo para a promoção de processos de reflexão e de deliberação visando a emancipação, a apropriação do sujeito sobre seu trabalho e a construção de processos de transformação.

Referências Bibliográficas

Barros JO. *Interfaces entre produção de saúde e coordenação do cuidado: perspectiva da psicodinâmica do trabalho na compreensão do trabalhar de médicos inseridos em um hospital universitário - São Paulo, Brasil* [tese]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2015.

Dejours C. *Trabalho vivo*. Tomo II. Brasília: Paralelo 15; 2012.